



92



VOCÊ SABIA?

A guerra tarifária em curso entre os Estados Unidos e a China reacende o interesse pelo estudo da Geoeconomia. Pedro de Pezarat Correia lembra que, em um contexto anterior, os estrategistas reconheciam a possibilidade de usar a economia como instrumento de coação na chamada “Estratégia Indireta” de uma guerra clássica. Modernamente, porém, o autor admite que a economia pode ser empregada de forma direta em uma “guerra econômica.”

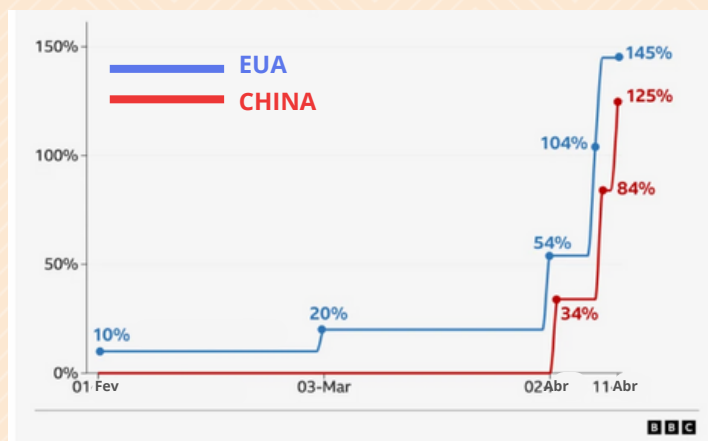
O Informativo Estratégico é editado pelo Centro de Estudos Estratégicos do Exército/7ª Subchefia do Estado-Maior do Exército.

INFORMATIVO ESTRATÉGICO

EDIÇÃO 92- 10 DE ABRIL DE 2025

NESTA EDIÇÃO

- Guerra Rússia x Ucrânia
- Conflito no Oriente Médio
- Guerra comercial entre EUA e China
- Eleições presidenciais no Equador
- EUA e Irã discutem acordo nuclear
- Reunião da CELAC



Escalada de tarifas
Fonte - BBC

GUERRA RÚSSIA X UCRÂNIA

A guerra na Ucrânia chega ao 1.143º dia. A Rússia continua a atacar diariamente diversas cidades ucranianas com drones e mísseis. Por sua vez, as forças ucranianas mantêm ataques contra alvos russos em profundidade, como o campo de aviação Orenburg-2, situado a cerca de mil quilômetros da linha de contato, além de posições russas na região de Kursk e na Crimeia. Em relação aos movimentos na frente de combate, o comandante das forças ucranianas, general Syrskyi, declarou acreditar que a ofensiva russa de primavera já tenha se iniciado, pois suas tropas detectaram um aumento substancial das atividades militares da Rússia na porção nordeste da frente, especificamente nas províncias de Kharkiv e Sumy. No campo diplomático, o grupo de 51 países que apoiam a Ucrânia, conhecido como Grupo de Contato de Defesa da Ucrânia, reuniu-se hoje em Bruxelas para o 27º encontro desde o início do conflito. O grupo se comprometeu com uma rodada extraordinária de pacotes de ajuda militar para Kiev, avaliados em mais de 21 bilhões de euros (US\$ 23,8 bilhões) no total. A Alemanha contribuirá com mais da metade do novo financiamento - cerca de € 11 bilhões - a ser disponibilizado aos ucranianos até 2029.

Fonte: Observatório da Doutrina

CONFLITO NO ORIENTE MÉDIO

O conflito no Oriente Médio chega ao 553º dia. As forças israelenses estão atuando militarmente com grande intensidade na Faixa de Gaza. O ministro da Defesa, Israel Katz, afirmou que as Forças Armadas do país estão tomando grandes áreas daquele território e incorporando-as a zonas de segurança, com o objetivo de forçar o Hamas a libertar os reféns que ainda mantém sob seu poder. A declaração do ministro ocorreu no mesmo dia em que se noticiou que o plano do governo israelense é incluir a cidade de Rafah, um dos principais centros urbanos de Gaza, em uma zona-tampão que isolaria completamente o território palestino, privando-o de sua fronteira com o Egito. Militares israelenses divulgaram que o Hamas teria conseguido recrutar mais jovens palestinos e recompor suas fileiras militares, passando a contar atualmente com cerca de 40.000 combatentes. No campo interno, em mais um indício das crescentes divisões na sociedade israelense, as Forças Armadas anunciaram a dispensa de militares da reserva ativa que assinaram um manifesto, publicado em jornais do país, exigindo que o governo priorize a libertação dos reféns mantidos em Gaza, em vez da continuidade da guerra no enclave palestino — argumentando que o conflito, agora, serve mais a “interesses políticos e pessoais” do que à segurança nacional. O manifesto foi assinado por mil militares da Força Aérea israelense. Ao mesmo tempo, autoridades israelenses estimam que 700 mil habitantes de Gaza apoiariam o Hamas, 600 mil apoiariam o Fatah e 650 mil não apoiariam nenhuma organização. Segundo essas fontes, haveria pressão, especialmente por parte de clãs, para expulsar o Hamas da Faixa de Gaza. No entanto, elas não acreditam que essa pressão seja suficiente para promover uma mudança de regime no território.

Fonte - Observatório da Doutrina

GUERRA COMERCIAL ENTRE EUA E CHINA

O governo dos Estados Unidos implementou sua nova política tarifária, afetando seu relacionamento comercial com praticamente todos os países. O anúncio das medidas ocorreu em 2 de abril, provocando imediatamente uma forte reação dos mercados globais. Os critérios para a imposição das tarifas levaram em consideração, principalmente, o déficit ou o superávit comercial que os Estados Unidos mantêm com cada um de seus parceiros. Dessa forma, os valores aplicados variaram significativamente, entre 10% e 50%. Ao divulgar a nova medida, o presidente Trump alertou que seu país não admitiria tarifas retaliatórias e que, se isso acontecesse, novas tarifas seriam impostas. O governo chinês, entretanto, decidiu retaliar de imediato, impondo aos produtos americanos a mesma tarifa atribuída aos produtos chineses: 34%. Em resposta, os EUA impuseram novas tarifas adicionais, de 50%, elevando a taxação norte-americana sobre produtos chineses para 104%. Mais uma vez, a China reagiu, impondo os mesmos 50% adicionais. Essa escalada provocou pânico nos mercados internacionais. As 500 maiores empresas dos EUA perderam, entre 1º e 8 de abril, US\$ 8 trilhões em valor de mercado. Fortemente pressionado interna e externamente, o presidente Trump recuou e, em 9 de abril, determinou uma pausa de 90 dias nas tarifas já impostas e naquelas programadas para entrar em vigor. Entretanto, no mesmo pronunciamento, elevou ainda mais as tarifas sobre os produtos chineses, que chegaram a 145%. A decisão de Trump de voltar atrás nas tarifas para o restante do mundo — ao menos de forma temporária — e concentrar-se na China evidenciou a opção por uma verdadeira guerra comercial contra o país asiático. O último aumento norte-americano sobre os produtos chineses gerou outra retaliação da China, que elevou suas tarifas para 125% e declarou que, uma vez inviabilizado o comércio entre os dois países, simplesmente ignoraria novas elevações impostas pelos EUA. As consequências, segundo diversos economistas, devem extrapolar os dois adversários, afetando a economia de forma global.

Fontes - diversas

ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS NO EQUADOR

No próximo domingo, 13 de abril, mais de 13,7 milhões de equatorianos decidirão os rumos da nação andina para os próximos quatro anos: o retorno do correísmo ao poder, com a candidata Luisa González, ou a manutenção do atual presidente, Daniel Noboa, no Palácio de Carondelet. González e Noboa, em posições opostas no espectro político, voltam a se enfrentar no segundo turno, tal como ocorreu nas eleições de 2023. O embate acontece em um contexto político e econômico adverso, marcado por uma grave crise de energia elétrica e por um cenário de violência criminal sem precedentes no país. As últimas pesquisas eleitorais sinalizam uma disputa acirrada. De acordo com o instituto Comunicaliza, há empate técnico: González teria 50,3% dos votos válidos, contra 49,7% de Noboa, considerando uma margem de erro de 1,42%.

Fonte - France Press - <https://www.france24.com/es/am%C3%A9rica-latina/20250408-elecciones-en-ecuador-los-puntos-clave-que-marcan-la-recta-final-por-la-presidencia>

EUA E IRÃ DISCUTEM ACORDO NUCLEAR

No próximo sábado, 12 de abril, representantes dos governos dos Estados Unidos e do Irã devem se reunir em Omã para discutir o programa nuclear iraniano. Os EUA, que deslocaram bombardeiros furtivos B-2 para a ilha de Diego Garcia, no Oceano Índico, e enviaram a Força-Tarefa aeronaval liderada pelo porta-aviões Carl Vinson para a região do Oriente Médio — somando-se às forças navais já desdobradas sob o comando do porta-aviões Harry Truman — pressionam a República Islâmica a interromper seu programa nuclear. O presidente Trump declarou preferir uma saída diplomática, mas ameaçou bombardear o Irã “de uma forma jamais vista”, caso não seja alcançado um acordo. Já o principal objetivo do Irã nas negociações é obter alívio das sanções econômicas impostas pelos EUA desde 2018, quando o próprio presidente Trump, em seu primeiro mandato, retirou seu país do acordo nuclear com o Irã.

Fonte - Comissão Europeia - https://portugal.representation.ec.europa.eu/news/comissao-apresenta-livro-branco-sobre-defesa-europeia-e-plano-rearm-europe-prontidao-2030-2025-03-19_pt

REUNIÃO DA COMUNIDADE DE ESTADOS LATINO AMERICANOS (CELAC)

No dia 9 de abril, foi realizada em Tegucigalpa, Honduras, a 9ª reunião de cúpula da Comunidade de Estados Latino-Americanos (CELAC). A declaração final, assinada por 30 de seus 33 membros — com Nicarágua, Paraguai e Argentina não subscrevendo o documento — rejeita “a imposição de medidas coercitivas unilaterais contrárias ao direito internacional, incluindo as restritivas ao comércio internacional”, em referência às tarifas alfandegárias impostas pelos Estados Unidos. A falta de unanimidade é pouco usual em um fórum que costuma exigir consenso dos 33 países-membros para esse tipo de comunicado.

Fonte - Folha de S. Paulo - <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2025/04/cupula-da-celac-da-recado-a-trump-em-declaracao-final-sem-nicaragua-paraguai-e-argentina.shtml>



Para pensar...



“A guerra não se faz com ofícios, dúvidas e consultas”

General Osório